

9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se é possível obter água cavando o chão, se é possível
enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma,
se é possível nos defendermos do frio ou do calor, se é
possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível
mudar o mundo que não fizemos, o da natureza, por que
não mudar o mundo que fazemos, o da cultura,
o da história, o da política?
(Freire, 2000)

Esta Tese surgiu do meu grande interesse em compreender de modo mais profundo o contexto escolar e as relações construídas no cotidiano desta instituição da qual sou uma participante. Atuando em um colégio público há 14 anos, dos quais 10 como Adjunta da Direção, o tema da (in)disciplina sempre me motivou a refletir sobre minhas práticas docentes e de gestora de uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio. Por este motivo, realizei minha pesquisa de Mestrado, concluído em 2003, em uma turma de 2ª série de Ensino Médio durante as aulas de língua portuguesa, com o objetivo de apreender como este grupo construía o conceito de (in)disciplina.

Meu grande interesse por este tema me fez buscar um maior aprofundamento das discussões sobre questões disciplinares na Tese de Doutorado. Ao tentar compreender como os participantes daquele colégio construía discursivamente o conceito de (in)disciplina, pretendia obter uma visão macro da escola que vivencio em seu cotidiano, em suas relações pedagógicas e interpessoais. Por esta razão, decidi realizar um estudo de caso, pois pretendia realizar uma exploração intensa e dinâmica do contexto da escola. Outro motivo que me levou a escolher o estudo de caso como abordagem de investigação foi o fato de que buscava investigar questões ligadas aos porquês e aos como do discurso disciplinar, um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real. Ao analisar as diferentes possibilidades metodológicas para realizar a pesquisa, compreendi que o estudo de caso seria particularmente útil, uma vez que tinha como objetivo compreender um problema específico, uma situação única em grande profundidade, um caso rico em informação (cf. 5.2).

Para compreender como o conceito de (in)disciplina é construído dentro da escola na qual trabalho, foi necessário ouvir as vozes dos participantes que

desempenham diferentes papéis e possuem diferentes graus de poder dentro da instituição analisada. O instrumento principal de geração de dados foi a entrevista semi-estruturada, pois no discurso construído nas entrevistas teria acesso às crenças, aos valores, às concepções e às vozes dos diferentes participantes da escola. Outro instrumento utilizado foi a análise dos documentos oficiais da instituição (circulares, manuais, códigos, Projetos Político Pedagógicos), uma vez que eles fornecem uma visão das vozes que compõem o discurso oficial da instituição analisada, e como elas encontram ecos no discurso dos participantes do contexto escolar.

Para realizar o trabalho de investigação dos dados gerados através das entrevistas com os diferentes participantes, utilizei um referencial teórico baseado em três eixos. No primeiro eixo, realizei uma construção sócio-histórica da instituição escolar antes do surgimento da escola (Grécia e Idade Média) por diversos momentos desde sua institucionalização, durante o século XVI, passando pelo seu apogeu, durante a Era Industrial, até o momento atual, a pós-modernidade, na qual vivenciamos o que muitos autores denominam “a crise da escola” (Canário, 2006). Construir sócio-historicamente a instituição escolar foi vital para compreender como os discursos são construídos, pois esta instituição está sempre vinculada a uma visão de mundo específica, ao pensamento ideológico, político e econômico (relações de trabalho e poderio econômico) de cada época, e, em geral, vinculada às idéias da classe economicamente dominante. Da mesma forma, as diferentes concepções disciplinares estão atreladas a uma visão específica de escola e conseqüentemente aderem a uma determinada visão sócio-histórica de mundo que está de acordo com o momento econômico, político e social vigente.

Teorias sobre disciplina formaram o outro eixo teórico que utilizei para embasar meu trabalho de pesquisa. Em especial, trabalhei com a visão psicologizante de disciplina, que se configurou como uma visão bastante significativa para a análise do discurso da (in)disciplina, uma vez que, muitas vezes, os alunos são construídos discursivamente a partir desta visão disciplinar e de um discurso acusatório. Desenvolver um conhecimento histórico do surgimento e do desenvolvimento da instituição escolar foi muito relevante para o estudo da questão disciplinar. Mais do que identificar as diferentes perspectivas sobre disciplina como categorias de análise, pude, construir conexões entre os

modelos de escola e as perspectivas de disciplina. Essas conexões me levaram a confirmar minha crença de que a visão bakhtiniana de linguagem era a mais adequada para analisar a construção do conceito de (in)disciplina e a representação do *outro* no contexto da escola no qual atuo. Formou-se, então, o terceiro eixo para meu referencial teórico.

Através da análise das vozes presentes nos discursos dos diferentes participantes do contexto escolar, pode-se observar que o discurso escolar oficial demonstra que esta instituição está passando por uma crise de paradigmas entre modernidade e pós-modernidade. O seu discurso pedagógico, representado pelo seu Projeto Político Pedagógico (PPP), aponta para o fato de que esta é uma instituição que reproduz o discurso pedagógico da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, lei que rege o ensino atualmente e tem em seus ideais pedagógicos que as diferentes vozes sejam ouvidas e respeitadas dentro do contexto social, com o objetivo de formar o cidadão crítico e socialmente competente.

Enquanto o discurso pedagógico da escola ecoa a voz de vanguarda, o discurso disciplinar é tradicional, valorizando os mecanismos disciplinares criticados por Foucault: a vigilância hierárquica, o controle dos corpos, do tempo e do espaço, e aplicação de punições caso os alunos não ajam de acordo com as normas determinadas pela Direção Geral da escola. Portanto, o discurso pedagógico da escola ecoa o momento sócio-histórico no qual a instituição está inserida, a pós-modernidade, pois demonstra interesse em construir e respeitar as identidades dos alunos, assim como dar voz a todos os participantes do contexto escolar. Contudo, o discurso disciplinar ecoa a voz da modernidade, com a qual o discurso da disciplina tradicional é consonante.

A observação das vozes presentes nos discursos dos professores mostra que o discurso dos indivíduos é um “agitado balaio de vozes sociais” (Bakhtin, 1992[1929]). Alguns professores buscam nostalgicamente uma consonância total do discurso dos participantes do contexto escolar. Foi possível observar que há professores que ecoam de modo bastante forte a disciplina tradicional, uma vez que, certamente, foi este tipo de discurso ao qual foram expostos quando alunos e profissionais. Por outro lado, há docentes que ecoam o discurso da disciplina consciente e interativa, principalmente aqueles que possuem uma formação acadêmica ligada à área de Educação. Outros apresentam discursos multissonantes, aparentemente paradoxais. Em suas entrevistas, em alguns

momentos, eles ecoam a voz de uma disciplina consciente e interativa e, em outros momentos, seu discurso muda da disciplina consciente e interativa, na qual as regras devem ser definidas pelo grupo (professor e alunos), para a tradicional, enfatizando a questão da obediência e da punição. Isso demonstra que os discursos dos indivíduos são multissonantes, e que seus discursos são formados pelas diferentes vozes com as quais os indivíduos entram em contato durante toda a vida.

Os discursos paradoxais também ocorrem nas entrevistas dos alunos, que tendem a ecoar as vozes da disciplina tradicional, enfatizando a obediência e submissão às normas da instituição. No entanto, é possível observar, também, que alguns alunos ecoam a voz da disciplina consciente e interativa, característica das visões mais atuais de (in)disciplina. O aparente discurso paradoxal dos participantes do contexto escolar reforça a teoria de Bakhtin 1992[1929], de que nossos discursos não são únicos e nem unissonantes, uma vez que podem coexistir dentro do discurso de um mesmo indivíduo vozes que não estão em consenso e, em muitos momentos, são contraditórias.

Os funcionários da instituição ecoam em seus discursos as vozes de sua formação acadêmica, pois quando a formação do funcionário não está ligada à educação, ele tende a ecoar vozes de seu conhecimento de mundo como aluno e de sua experiência profissional, apontando principalmente para uma visão tradicional de disciplina, enfatizando a questão da premiação para os bons alunos e a punição para os maus alunos, ecoando a voz da visão foucaultiana de disciplina (cf. 3.1). Já quando estes possuem uma formação na área de Educação, ecoam em seu discurso vozes das teorias pedagógicas com as quais tiveram contato durante sua formação acadêmica. Além disso, ecoam em seus discursos sua experiência profissional, uma vez que, por terem como função atender aos alunos e seus responsáveis para intermediar questões pedagógicas e disciplinares, eles entram em contato também com os discursos dos alunos e seus responsáveis em relação aos eventos disciplinares nos quais estão envolvidos.

Analisando as diferentes formas de compreender a indisciplina, é possível afirmar que há na escola uma crise de paradigmas, uma vez que a sociedade mudou, diferenciando-se principalmente nas formas de relação interpessoal e no modo de conceber as regras e os valores. No entanto, a visão disciplinar tem se mostrado ainda muito influenciada pela visão moderna de mundo, presente nesta

instituição há muito tempo. Como as mudanças são muito recentes e rápidas, e não há ainda na escola uma abertura específica para refletir sobre estas questões, a escola se depara com muitas dissonâncias, que podem ser compreendidas por uma crise de paradigmas, pois dentro de seus muros vive uma realidade moderna, positivista, com uma metodologia que privilegia a transmissão linear de conteúdos encadeados e a disciplina tradicional. Esta realidade é muito distante da de seus participantes, principalmente seus alunos, que vivem em um mundo pós-moderno, veloz, com acesso a diferentes fontes de informação em rede e com uma prática de relacionamentos onde coexistem, ao mesmo tempo, a disciplina tradicional, a disciplina liberal e a disciplina consciente e interativa, principalmente no campo familiar. Estes modos de compreender o mundo fazem com que ocorra a crise de paradigmas que dificulta a busca de uma disciplina justa, negociada, democrática e necessária para o bom funcionamento da instituição escolar.

Pude constatar que há dois discursos que se destacam na escola analisada: o dos acordos e o discurso único. O discurso dos acordos está em consonância com uma visão de disciplina consciente e interativa (cf. 3.2.4), pois compreende a disciplina não como uma ordem imposta e estática, mas como um pacto construído entre os indivíduos que estão em interação no contexto escolar – professores, alunos, direção, inspetores e funcionários do SESOP. Este discurso também está em consonância com a visão de linguagem e de mundo polifônico e dialógico defendida por Bakhtin (1992[1929]). No entanto, também observei que existe, por parte de muitos professores e dos funcionários técnico-administrativos da unidade analisada, a defesa de um “discurso único”. O discurso “único” aponta para o fato de que o grupo busca uma consonância total, uma padronização de regras, atitudes e concepções. Esta interpretação de “discurso único” está na contramão do discurso dos acordos, uma vez que buscaria uma consonância incondicional e monológica dos discursos de todos os indivíduos responsáveis pela disciplina na escola – direção, inspetores, orientadores e professores. Este discurso único, segundo os professores, prevê que sejam definidas regras para que todos os indivíduos ajam da mesma forma nos eventos disciplinares sem levar em conta o contexto no qual o evento ocorreu, seus atores, a situação, etc. Concluí, portanto, que este discurso único estaria indo na direção contrária da visão discursiva e de mundo de Bakhtin, pois estaria buscando uma consonância total e irrestrita a uma regra criada por aqueles que detêm o poder. Neste caso, apontaria

para um discurso monológico, onde só existe uma verdade possível, que está nas mãos daqueles que detêm o poder instituído.

Apesar de compreender que há diversos *outros* no contexto escolar, baseei minha investigação de como o *outro* é representado neste contexto somente nos participantes que se destacaram durante as entrevistas. Pude constatar que existe na escola um discurso acusatório, que constrói o *outro* a partir de uma visão bastante negativa, colocando nele a causa dos problemas disciplinares,. O discurso dos participantes é monológico: o *eu* é construído sempre dentro de uma visão positiva, como aquele que se esforça para realizar a atividade pedagógica (no caso dos professores), e como aquele que está obedecendo todas as regras e se comportando corretamente. Neste discurso, o *outro* é aquele que me impede de atuar, que dificulta meu trabalho, que tem problemas de conduta por não se adaptar às regras disciplinares. Esta é a representação da família por uma grande parcela dos entrevistados (alunos, professores, direção, orientadores e inspetor). Ela é, segundo o discurso acusatório dos participantes deste trabalho de pesquisa, a grande vilã do problema disciplinar. Ela é incompleta, desestruturada, fraca, desinteressada, incompetente, não tem tempo para seus filhos, não impõe limites, defende seus filhos mesmo quando estes estão errados, possui valores morais errados, etc. Infelizmente, não foi possível gerar dados com os responsáveis, e pretendo, em um próximo momento de estudo, ouvir como os responsáveis constroem a (in)disciplina na escola.

É necessário reconhecer que esta representação negativa ecoa a voz de uma concepção de família moderna, burguesa, elitista e tradicional, associada a uma visão de escola tradicional. A instituição escolar ainda espera encontrar o mesmo modelo familiar tradicional, cujo discurso está em consonância com o da escola : pai-trabalhador, mãe-dona-de-casa e filhos estudiosos e obedientes. Contudo, o discurso disciplinar familiar sofreu mudanças consideráveis, devido ao contexto sócio-histórico no qual ela está inserida atualmente, o que faz com que seu discurso seja bastante dissonante do discurso disciplinar escolar, que se mantém tradicional como no passado e, por isso, espera da família o mesmo discurso consonante com a escola que ela sempre apresentou. Esses discursos atuais da escola e da família são muito dissonantes e geram uma série de conflitos disciplinares que são interpretados pela instituição escolar como uma “falha”, uma incapacidade da família, o que a torna a principal vilã da questão disciplinar, pois

a mesma não mais apresenta o mesmo discurso da escola, que, a partir de uma postura monológica, considera seu discurso o único correto, verdadeiro e possível.

É imperativo que a escola reflita sobre suas práticas, sobre seu contexto, sobre o mundo no qual está inserida, sem se fechar em si mesma ou tentar impor seu modo de pensar e sua visão de mundo baseada em uma visão monológica na qual só há uma verdade possível, e esta é sempre a da instituição escolar. Somente compreendendo como os discursos ecoam dentro da instituição escolar, seus participantes conseguirão perceber que os paradigmas moderno e pós-moderno estão convivendo, uma vez que, segundo Bakhtin, o mundo não é unissonante, mas sim polifônico, onde coexistem um sem número de vozes. Uma reflexão contínua, comprometida, conjunta e embasada sobre os problemas disciplinares, buscando compreender o contexto no qual a escola está inserida pode contribuir para minimizar os problemas disciplinares pelos quais tem passado.

Trabalhar com a teoria de linguagem e de mundo de Bakhtin, tentando trazer seus construtos teóricos construídos da década de 20 para os dias de hoje, me levou a me questionar se, quando Mikhail Bakhtin escreveu seus textos voltados para a análise literária, ele não estava tendo uma visão do contexto que denominamos pós-modernidade, pois seus conceitos explicam de forma precisa e clara o mundo em que vivemos hoje, um mundo polifônico, fluido e multissonante, onde as forças centrífugas estão em ação a todo instante, onde existem jogos de poder entre as vozes que circulam socialmente (Faraco, 2003). Espero, sinceramente, que tenha conseguido utilizar os conceitos adquiridos com este fabuloso autor para analisar meus dados e honrar seu trabalho com minha pesquisa, com minha tese.

Este trabalho de pesquisa se baseou na utopia bakhtiniana: “a resistência a qualquer processo centrípeto, centralizador” (Faraco, 2003, p.83). Por este motivo, espero que esta Tese possa contribuir para a área de Estudos da Linguagem, pois busquei analisar uma questão de linguagem em uso, e o modo como os participantes do contexto escolar constroem significados acerca da questão disciplinar através dos discursos que circulam na escola. Espero, também, que este trabalho de pesquisa seja útil para outros educadores que busquem compreender e construir a questão disciplinar a partir de uma reflexão séria, profunda e constante não somente sobre a (in)disciplina, mas também sobre o papel da escola no mundo pós-moderno e sobre a construção de seus discursos.